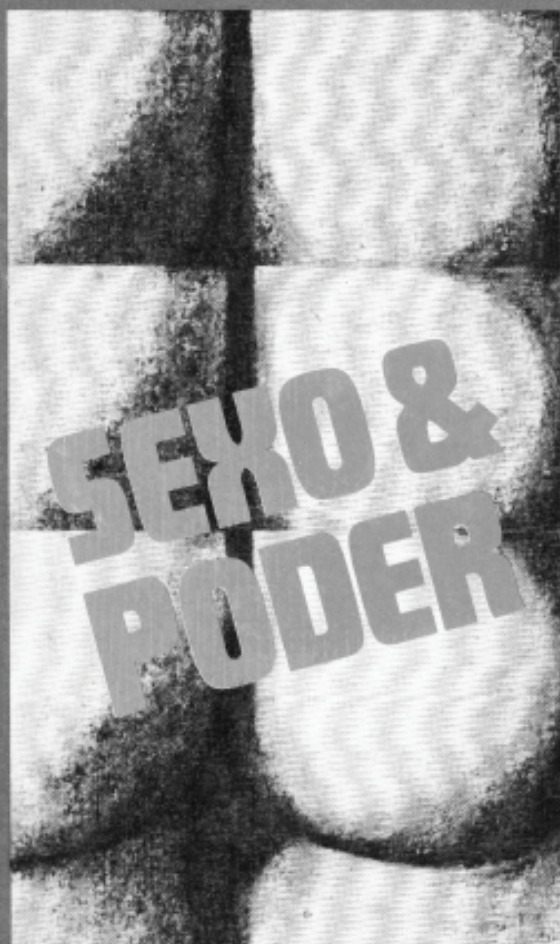


*Cadernos do Presente*



**editora brasiliense**

## 4. A “nova” moral sexual das revistas femininas\*

MARIA QUARTIM DE MORAES



\* Pesquisa financiada pela Fundação Carlos Chagas.

## A “NOVA” MORAL SEXUAL DAS REVISTAS FEMININAS<sup>1</sup>

Orlando transformara-se em mulher, não há que negar. Mas, em tudo o mais, continuava precisamente o que tinha sido. A mudança de sexo, embora alterando o seu futuro, nada alterava de sua identidade.

(...) Senhor, pensou, acalmando-se, espreguiçando-se, debaixo do seu toldo, – decerto isto é um gênero de vida agradável e indolente. Mas, pensou dando um pontapé, estas saias em roda dos calcanhares são uma praga. No entanto, o estofo – (brocado florido) é o mais lindo do mundo. Nunca vi minha pele, e aqui pousou a mão no joelho, tão favorecida como agora. Poderia, contudo, saltar do navio e nadar com roupas destas? Não. De modo que teria de confiar na proteção de um marinheiro. Tenho alguma objeção a fazer? Perguntou a si mesma, encontrando o primeiro nó na lisa meada do argumento.

---

<sup>1</sup> A nova moral sexual das revistas femininas in *Sexo e Poder* (Ed. Guido Mantega). São Paulo, Editora Brasiliense, 1979, pp. 67-83.

Recordava como tinha insistido, nos seus tempos de rapaz, em que as mulheres devem ser obedientes, castas, perfumadas e caprichosamente enfeitadas. – Agora, tenho que pagar com o meu corpo por aquelas exigências –, refletiu. – Pois as mulheres não são (a julgar pela minha própria curta experiência do sexo) obedientes, castas, perfumadas e caprichosamente enfeitadas por natureza. Só podem conseguir estas graças, sem as quais não lhes é dado desfrutar nenhuma das delícias da vida, mediante a mais enfadonha disciplina – . (Virgínia Woolf, *Orlando*, Editora Nova Fronteira, 1978, p. 77 e 87).

De todas as inúmeras armadilhas prontas para aprisionar nosso sexo não existe maior do que a sensação de solidão, impotência e fracasso individual com que enfrentamos as dificuldades em vivermos nosso “destino de mulher”. A dificuldade em encontrar a própria identidade no quadro estreito das “características psicologicamente específicas da mulher” – pois afinal, ser mulher é provocar paixões, criar filhos ou cozinhar? Ou são todas estas coisas? – só é superada por esta de situarmo-nos socialmente, *de nos entendermos como mais uma sofrendo os mesmos problemas e vivendo as mesmas perplexidades*.

De fato, todas aspiramos às delícias do amor. Quem não quer amar e ser amada? Mas conhecemos a realidade amorosa de forma ambivalente, pois temos que nos submeter aos ritos: por que tantas exigências menores, tanta encenação e dramatização? Será impossível desfrutar do amor sem os artifícios da maquilagem, da moda, dos maneirismos, dos gestos estereotipados e da voz afetada (ou “cálidamente infantil”, como dizem os romances água-com-açúcar)? E sem a subordinação à lógica da dominação, obrigando-nos ao desempenho exclusivo de um tipo de sexualidade: a do corpo erótico que só existe na medida em que o Outro o valoriza?

A sexualidade feminina é prisioneira, portanto, dos estreitos limites sociais em que se desenrola a vida da mulher. A sociedade fragmenta o indivíduo tanto por causa do modo em que as condições materiais de existência são produzidas e reproduzidas (separação do produtor dos meios de produção; atividade econômica orientada pela busca do lucro e não pela satisfação das necessidades do

homem), quanto pela divisão sexual das atividades e da vida social de modo geral. A esfera pública, o mundo do trabalho, da política, do poder e da autoridade é essencialmente masculina, enquanto que a “realização pessoal” da mulher encontra-se comprometida com o espaço em que se situa a esfera privada (a casa, o lar). E se a dicotomia público/privado é vivenciada pelo homem de maneira a privilegiar a “realização” no trabalho (no público) e, secundariamente, no privado (lar mulher e filhos sendo sinônimos de “repouso e refúgio do guerreiro”), a mulher recebe a esfera privada como *locus* apropriado para a história de sua vida.

Se em períodos passados a unidade doméstica constituía a célula produtiva das sociedades, a separação histórica entre lar e local de trabalho processou-se concomitantemente às transformações no processo de produção, levando à perda de importância do papel econômico da família. Enquanto a produção fora de casa tornou-se sinônimo de trabalho, as atividades realizadas na esfera do lar passaram a ser consideradas como prolongamentos naturais das características específicas (biológicas) do sexo feminino. Assim como é natural (igual a fato biológico) que a mulher carregue no ventre o feto, estabeleceu-se a “naturalidade” da ligação privilegiada da mulher com a criança: a maioria dos homens consideraria ridícula (e “antinatural”) a hipótese de dedicar-se em tempo integral a seus filhos, enquanto suas mulheres fossem trabalhar. Ademais, menos envolvido no universo de relações pessoais estreitas que é a família, o homem distingue, ou melhor, diferencia sua “realização pessoal” enquanto profissional frente aos papéis de marido e/ou pai. Não parece sem cabimento escutar de um homem a clássica frase: “Casei-me e encontrei no casamento minha realização”? No entanto, muitos acreditam que uma mulher bem sucedida profissionalmente mas que não tenha filhos, por exemplo, só pode ser uma frustrada.

E este é um dos níveis em que a mulher vive a ambivalência de sua situação social: o trabalho doméstico o “seu” trabalho como

mulher perdeu toda a aparência de atividade produtiva, pois realiza-se fora do processo capitalista de produção e circulação de mercadorias, as quais são valorizadas segundo uma escala de preços monetários. Mas as tarefas domésticas absorvem tempo e dispêndio de energia, apesar de estarem mistificadas sob a capa do “natural”, da “vocaçãõ” feminina. E, na medida que seu trabalho não lhe garante nem mesmo a identidade de trabalhadora, a mulher defronta-se com o homem que “a sustenta” em situação de inferioridade: é ele quem trabalha e deve ser respeitado na volta do serviço. “Silêncio, o papai está cansado.”

Como a casa é o local socialmente indicado como próprio ao exercício das atividades femininas, o trabalho doméstico não somente impossibilita o encontro de indivíduos sofrendo a mesma opressão (como a empresa o faz, facilitando a tomada de consciência e a organização reivindicatória), como termina por perder toda e qualquer conotação econômica: a casa não é local de trabalho e sim o repouso tranquilo deste mundo frio e cruel. Felizes são as mulheres, garantem alguns, que não precisam enfrentar as dificuldades do “lá fora”, pois estão “protegidas no lar”. E, de fato, para a grande maioria das pessoas a casa é o lugar no qual a afetividade, por mais deformadas que sejam as relações pessoais, existe. Trabalhando no que não gostam, levando uma vida cujos objetivos foram fixados por forças outras que os próprios indivíduos, engolindo insatisfações o dia inteiro, convivendo com o autoritarismo e acovardando-se diante das regras estabelecidas, como colocar paixão e se entregar às atividades do cotidiano? Como permitir que o desejo, que a força criadora aflorem? Tudo o que foi recalcado, engolido, não vivido, estoura exigente nas relações no interior da família. Mulheres, tentem dar sentido para a vida de vossos maridos; façam que ele se sintam como reis em sua casa!

## O casamento acima de tudo

Algumas mulheres se valem de suas tarefas fora do lar como pretexto para negligenciar as ocupações domésticas. Os filhos são entregues à babá, as necessidades do marido confiadas aos caprichos das empregadas, o orçamento da casa delegado ao capricho dos fornecedores tudo fica ao deus-dará; sem fiscalização, porque a mulher se nega a ‘aterrissar’ nas pequenas coisas. Esses casos são bastante raros, felizmente. (...) Pessoalmente, costumo desconfiar da qualidade dos êxitos externos das mulheres que descuidam suas atividades elementares com a desculpa de suas ocupações importantes. (Carmen da Silva, A favor... não contra os HOMENS!, *Cláudia*, n. 30, 1964).

Alguns textos falam por si: este acima é um bom exemplo da apologia da relação mágica da mulher com as ocupações domésticas. Uma mulher que não se ocupe da casa, não importa qual seja a importância do trabalho que exerce “fora do lar”, está sob suspeição, é a culpada de um crime. Pois ser mulher, na concepção tradicionalista de revistas do gênero *Cláudia*, é ser, antes de mais nada, dona de casa perfeita. Assim, se a mulher quiser garantir sua independência econômica pelo trabalho remunerado, tudo bem, desde que também cuide da casa. Abaixo a divisão igualitária das tarefas domésticas, que vivam os privilégios masculinos: eis *Cláudia*. E o que acontece no dia em que esta funcionária exemplar que, antes de sair ao trabalho já cuidou da casa para que seus “deveres elementares” fossem cumpridos, precisa também ser a amante ideal? Ou seja, quando não basta mais ser mãe extremada, esposa atenciosa e dona de casa exemplar. Esta leitora de *Cláudia* (e de suas congêneres como *Desfile*, *Mais*, *Manequim*, etc.) que, através de sua revista predileta, no começo da década dos anos 60, aprendia a temer “as experiências pré matrimoniais”, pois “as moças muito namoradeiras raramente se tornam mulheres tranqüilas” (*Cláudia*, n. 6, 1962), hoje, recebe aulas de “como salvar seu casamento e os conselhos de outras leitoras na difícil tarefa do “agarre o seu homem”.

Assim, Cristina C. Costok é a escolhida, no número de janeiro de 1979, para a “saudável troca de informações” entre as leitoras de *Cláudia*, no seu objetivo comum de alcançar um “casamento feliz”. Descrita como “uma mulher de 26 anos, formada em Letras, secretária da CEMIG – Centrais Elétricas de Minas Gerais, e mineira, mora em Belo Horizonte, tem um filho de 2 anos”, esta leitora expõe suas “descobertas”, fruto “de toda a experiência da vida conjugal”, da qual selecionaremos as mais diretamente relacionadas à vida afetiva e sexual:

A mulher deve procurar, sempre que possível, não se despir na frente do marido, pois se o fizer com muita frequência, ele se acostumará com sua nudez e passará a não valorizar seu corpo. Contudo, se não tiver outra alternativa, ela deve estar preparada, vestindo, por exemplo, um belo conjunto íntimo, com uma tanga bem insinuante. Neste caso, em se tratando de uma peça nova, precisa fazer de tudo para chamar-lhe a atenção.

Outros conselhos sugerem camisolas novas “com decotes insinuantes” e estimulam a mulher a “estar sempre bela perto dos seus amigos, pois elogios feitos por terceiros ficarão gravados nas lembranças dele”, e assim por diante. Quanto à atitude das mulheres frente ao mundo, a perspectiva da leitora (e da revista, de modo geral) é que o ponto de referência primordial é o homem. É por sua causa que “a mulher deve ler jornais, revistas e livros para se inteirar dos acontecimentos do mundo”, pois “isso facilitará o diálogo com o marido”. Mas, cuidado para não deixá-lo “inferiorizado diante de terceiros, mesmo quando estiverem discutindo um assunto que você domina melhor: você pode expressar suas opiniões sem desmerecê-lo”.

A dona-de-casa eficiente e mãe exemplar, pois estas continuam sendo tarefas a cumprir, aprende a arte da sedução, entendida como anulamento da mulher frente ao marido ou, então, pequenas aparências que simulam um erotismo de classe média. A importância da embalagem da mercadoria pois, ao utilizar a expressão “valorizar seu corpo”, a mercantilização da relação sexual fica subentendida,



reduzindo-se a sexualidade feminina ao despertar da atração de outrem. É melancólico que uma universitária de 26 anos venha a público expor (e expor-se) conselhos tão banais quanto preconceituosos e, principalmente, que tenha a ilusão de encontrar neles a chave para a felicidade.

Mas as leitoras de *Cláudia* já foram previamente definidas, por suas características sociais, de idade, etc., como donas de casa da burguesia. Mulheres educadas na consideração de que a sexualidade é sinônimo de casamento e reprodução biológica. Mulheres que se sentem desamparadas, hoje, frente à “erotização” do casamento: elas foram traídas em sua crença de que bastava ser dona de casa eficiente, mãe dedicada e esposa compreensiva para ser feliz, como nos romances. E sua revista predileta diz exatamente o que elas *querem e podem* escutar sem traumas, pois o que está em questão é salvar as “instituições básicas da sociedade” (o casamento entre elas) e não proposições novas que coloquem formas alternativas e mais satisfatórias de relações entre os dois sexos, ou quaisquer transformações na sociedade em que vivemos.

Daí *Cláudia* ter se especializado na “modernização” da família. De um lado, inaugurando uma seção de puericultura, em comemoração ao Ano Internacional da Criança, no estilo de “todo o mês você vai receber orientação de como cuidar bem do seu filho”. Do outro, tentando recuperar o casamento, criando seções do tipo “Como salvei meu Casamento”, em que a leitora conta sua experiência e a psicóloga sexóloga tira conclusões didáticas, para consumo generalizado. “E o que apreender de Renata (professora) que descreve um angustiante e, felizmente, já superado episódio de sua vida conjugal” como declara a “chamada” da matéria? Muita coisa. Por exemplo: “1. Não viver através do outro. Ter vida própria. Não necessariamente trabalhar fora, mas ter interesses próprios e gratificantes em si mesmos”; “2. Se surgir ‘outra’ na vida do marido, evitar pânico. Não o expulse de casa. Analise sua parcela de responsabilidade em toda a situação”; “3. Enfrente a

realidade. Sem fugir”; “4. Converse bastante com o cônjuge sobre o problema conjugal. Sem paixões”; “5. Depois, esqueça o assunto”; “6. O relacionamento do casal é investimento constante. No outro; em si mesma”. (*Cláudia*, n. 206, novembro de 78).

A tônica deste, como de todos os outros conselhos já publicados, é a mesma: sempre existe alguma coisa que você pode fazer para salvar seu casamento (não se questiona a validade ou oportunidade desse “salvamento”). O estilo é da psicologia otimista para as massas”, de origem notoriamente norte americana: misto de banalização, lugares comuns e, fundamentalmente, a redução dos problemas pessoais a questiúnculas em que a saída termina por depender exclusivamente de um “comportamento positivo”. Na vida real, infelizmente, os estereótipos não bastam: você pode não ter nenhuma “parcela de responsabilidade” e seu marido apaixonar-se por outra. E daí? Como ter “vida própria” e ao mesmo tempo não precisar “necessariamente trabalhar fora”? Eis questões fora do interesse da revista. Pois a mensagem é esta: o casamento tem de ser salvo. E cabe à “orientadora” (que se apresenta respaldada pela “ciência”, pois é psicóloga ou sexóloga) explicar para a leitora que “não há porque temer o diálogo. As situações de confronto podem ser usadas para crescimento individual e fazer com que o vínculo matrimonial saia fortalecido da crise” (*Cláudia*, n. 203, agosto de 78). Em poucas palavras, não se trata de qualquer tipo de amadurecimento, mas sim daquele que fortalece o vínculo matrimonial. O contrário não está em cogitação.

### **Linda, leve e solta!**

A leitora de revistas como *Carícia* (e de outras mais ou menos parecidas, como *Love Story*, *Carinho*, *Romance e Ciúme*), jovem dos 15 aos 19 anos, já recebe uma “mensagem” bem mais flexível no tocante

à sexualidade. Desta maneira, lhe é dito que, em matéria de sexo, “certo é o que você quer e gosta enquanto existe amor” (*Carícia*, n. 50). O namoro, a masturbação, o primeiro beijo, a perda da virgindade e o orgasmo são assuntos privilegiados e, via de regra, tratados de uma forma arejada, ou seja, sem muito moralismo e desvinculando a questão do prazer dos imperativos da reprodução biológica.

Enquanto a leitora de *Cláudia* e congêneres é, antes de mais nada, a “mãe”, colocando seu corpo ao serviço quase que exclusivo da maternidade, a jovem *Carícia* sabe que “o orgasmo não é um privilégio: é um direito”, que a mulher é “responsável por seu próprio prazer” e a importância de “familiarizar-se com seu próprio corpo e com as maneiras com que ele recebe melhor os estímulos sexuais” (*Carícia*, n. 45).

A jovem é levada a não aceitar os preconceitos relacionados à virgindade, pois “amor de verdade não liga para detalhes de anatomia” e que “a gente é o que é, graças a tudo quanto viveu. Inclusive, graças a tudo quanto a gente já deu e recebeu de amor, não importa de que forma tenha acontecido essa troca” (*Carícia*, n. 46). Ou ainda, a não aceitar o julgamento de que “no sexo há atitudes puras e outras sujas. Que o homem só deve ‘permitir se certas coisas’ com ‘certas mulheres’”, pois “nenhuma parte do corpo, nenhum uso do corpo é capaz de sujar ou diminuir quando a relação é satisfatória, espontânea, sincera de ambas as partes. E pode ser uma prova de consideração e confiança o fato dele compartilhar com a esposa os mais profundos desejos e fantasias” (*Carícia*, n. 50).

Esta é a faceta mais progressista da *Carícia*, pois o reverso da medalha é a abstração irresponsável das condições concretas de existência das leitoras. Pois, é preciso tirar as consequências dos próprios conselhos dados: como a jovem pode desfrutar tranquilamente do início de sua vida sexual adulta quando o perigo da gravidez está rondando por aí? O que propor quando os anticoncepcionais não forem corretamente empregados ou quando

falharem? Dados da ONU registram mais de 2 milhões de abortos clandestinos anuais no país, com as conseqüências dramáticas de uma intervenção cirúrgica realizada fora do ambiente hospitalar. É impossível, portanto, ignorar o fato de que a sexualidade “bem transada” supõe a existência de condições que antecedem e sucedem ao ato sexual.

Se o sexo, ou melhor, a introdução à sexualidade adulta, constitui o eixo editorial de revistas para adolescentes, enquanto as mães-donas de casa ocupam-se com a moda, novos pratos de cozinha, como fazer uma almofada e outras delícias do gênero, as mulheres “liberadas” lêem NOVA. Em poucas palavras: a fórmula mundialmente consagrada da Hearst Corporation, do como transformar-se em uma Mulher-Sexy. Aquela que assume todos os estereótipos sociais sobre a feminilidade, entendida como objeto sexual que “se assume”.

A mulher NOVA (deveríamos dizer *Cosmopolitan* que é o título mais utilizado em outros lugares do mundo) é jovem, no estilo europeu de juventude que inclui a faixa dos 30 anos, charmosa, bonita (entendendo que a beleza pode ser conquistada através de “10 cirurgias plásticas que podem fazer você mais bonita”, NOVA, n. 54, e “Dez idéias geniais para mudar e melhorar sua aparência”, NOVA n. 64, etc.) e atualizada acerca das últimas novidades sobre relações sexuais. Neste sentido, ela é estimulada a decidir sobre sua própria vida sexual, na base do “não importa o que as outras pessoas dizem, não importa nem mesmo aquilo em que, secretamente, você acredita.” Porque, em sexo, nenhum ato é errado ou imoral, desde que não fira ninguém”. Mais ainda, “procure descobrir as áreas sensíveis do seu corpo e o prazer que elas podem lhe proporcionar, tocando a si mesma” e “use estas descobertas para, durante o amor, guiar seu parceiro e você mesma” (NOVA, n. 64).

Esta abertura no tratamento da sexualidade corresponde a um evidente progresso frente à concepção dominante de que este é um assunto “sujo”, para ser tratado aos cochichos, nos cantos escuros.

Mas é apenas uma das perspectivas através das quais NOVA discute a questão sexual: as outras terminarão por reduzir bastante o alcance pretensamente inovador de sua proposta editorial. Pois a mulher NOVA é “realista”, procurando o orgasmo ao mesmo tempo em que é aconselhada a levar em conta “quando se troca um marido por outro homem” em alguns “detalhes importantes”, como, por exemplo, “trocar um homem rico por outro homem não tão rico pode ser um desastre fatal”, pois “todo um estilo de vida não se muda de uma hora para outra” (NOVA, n. 59).

A leitora de NOVA é levada a acreditar, ademais, que todos os problemas podem ser resolvidos desde que se tenha a receita certa. Assim, é instruída em “como deixar de amá-lo quando o caso não tem mesmo esperança” (NOVA, n. 67); de como “qualquer mulher (mesmo a mais feinha) pode ter um incrível poder sexual sobre os homens” (NOVA, n. 66); de “como passar por essas fases em que tudo vai mal o trabalho chato, o amor sem esperança, a vida sem graça: saia dessa fossa!” (NOVA, n. 66) e o que fazer “quando você descobre que o homem que você adora (e em quem tanto confia) está tendo um caso” (NOVA, n. 53). Em poucas palavras, todos os problemas de uma mulher terminam por se reduzirem a questões uncas ou banalidades que podem ser resolvidas com algumas fórmulas mágicas.

Circunscrever a vida real das mulheres nos limites estreitos de figuras biônicas (as manequins que ilustram a revista parecem mais bonecas do que mulheres) que tudo conseguem resolver, que sempre são belas, jovens e vitoriosas, constitui a tônica editorial de NOVA e similares. Revistas em que as condições de existência de uma minoria privilegiada terminam por serem apresentadas como “a” forma “natural” de viver: revistas em que a inflação, o desemprego, e os inúmeros problemas que os cidadãos e as cidadãs enfrentam cotidianamente não merecem nenhuma referência.

E esta absoluta descaracterização das próprias condições sociais em que homens e mulheres relacionam-se sexualmente, esta

abstração da História, este descompromisso com a realidade cotidiana comprometem toda a possibilidade de tais revistas cumprirem efetivamente um papel informativo, crítico e esclarecedor para suas leitoras. Pois, no final das contas, a base do sucesso da mulher *Nova* reside na compreensão de que: “*Ser sexy é, primeiramente, aceitar-se como mulher, com todas as suas funções femininas.*” E, no teste que ajudará a descobrir quantos pontos você alcança na escala da mulher sexy, as questões e alternativas corretas são as seguintes:

- 1) Você tem, ou gostaria de ter:
  - b) *um gato que vive se enroscando em suas pernas;*
- 2) Você costuma dormir:
  - a) *nua;*
- 3) Você acha que a masturbação é:
  - c) *um modo de obter prazer em qualquer idade;*
- 4) Você se veste e se penteia com cuidado:
  - c) *para agradar aos homens;*
- 5) Qual destas experiências você considera mais fascinante:
  - b) *sair com um casaco de peles, sem mais nada por baixo;*
- 6) Você conhece um homem muito atraente, mas pouco exigente em matéria de sexo. Você, então:
  - c) *desiste dele;*
- 7) Você diria que sente por seus órgãos sexuais:
  - c) *curiosidade, fascínio;*
- 8) Você fica sabendo do romance entre uma mulher de 40 anos com um homem de 25:
  - b) *morre de inveja dessa paixão arrebatadora;*
- 9) Qual a sua atitude quanto a flertes:
  - c) *flerta sempre, e um jogo que lhe agrada;*
- 10) O que mais a atrai, fisicamente, num homem, é:
  - a) *a barba ligeiramente por fazer.* “

(NOVA, n. 53)

*A “ciência” a serviço das revistas femininas*

A multiplicação das ciências ditas sociais, dos sociólogos aos psicólogos, sexólogos, pedagogos, etc. concomitantemente com a expansão das atribuições das ciências médico biológicas, terminaram por introduzir um especialista para cada tipo de relação humana. Em outras palavras, um ato tão simples como a amamentação, por exemplo, passa a exigir o beneplácito do pediatra; as mães educam seus filhos com a assessoria de psicólogas, pedagogas e outras; os casais buscam as terapias sexuais, enfim: a “Ciência” invadiu tudo.

Já vimos, anteriormente, a maneira pela qual a sexóloga pontifica lugares comuns cuja importância acaba por depender exatamente do título de quem a pronuncia, isto é, a(o) “especialista” transforma-se numa espécie de tribunal de última instância, pronto a distinguir o bem do mal, o certo do errado. Neste sentido, todas estas ciências forneceram um material altamente sofisticado de mistificação social e reprodução de valores tradicionais.

Na verdade, a eficácia do discurso e práticas médicas, relativamente ao amor, sexo, educação das crianças e saúde, é enorme, comparativamente aos instrumentos mais caracteristicamente repressivos (proibições e sanções que dizem respeito ao direito, à moral e à religião, devidamente preservados e defendidos por seus respectivos “funcionários”: juizes, polícias, padres, etc.) que estão postos à disposição da ideologia e dos interesses dominantes. Assim, o discurso e a prática do “saber científico”, por exemplo, reforçam a necessidade da presença da mãe nos primeiros anos de vida: a mãe que deixa seu filho em creches é uma pessoa que se explica e justifica (ou seja, com um sentimento de culpa) muito mais do que outras cujos filhos são entregues às empregadas domésticas. A psicologia e a psicanálise vulgares, por sua vez, antes de serem críticas à estrutura autoritária da família, terminam sendo o reforço da “boa família” (não é a instituição que importa: são as pessoas...) ao descobrir atrás

das perturbações e neuroses razões do tipo “mal relacionamento com a figura materna”, “não resolução adequada do complexo de Édipo” e assim por diante.

Transformar todos os problemas humanos em casos aparentemente desconectados da realidade social, assim como insinuar sua possibilidade de resolução desde que se procure “o” especialista “certo”, constituem práticas correntes das revistas femininas. E se um público mais jovem e de menor poder aquisitivo pode ser satisfeito com conselhos de pessoas (tia Margô, Joana de tal, etc.) as leitoras de *Cláudia*, *Mais*, *Desfile* e congêneres são orientadas por profissionais.

Entre esses “especialistas” destaca-se Flávio Gikovate, uma espécie de psicólogo das multidões (pequeno burguesas) que defende concepções extremamente reacionárias sob a capa de um certo liberalismo e, principalmente, apoiando-se na “ciência”. Assim, Gikovate acredita na natureza humana imutável que impõe atribuições distintas às mulheres e aos homens. “Segundo penso, a necessidade de realização profissional para o homem está mais íntima e profundamente relacionada com a sua natureza do que na mulher. Corresponde a um elemento naturalmente mais agressivo e competitivo presente no homem, do mesmo modo que nos machos dos mamíferos em geral.” No que concerne à “mulher, a beleza e a sensualidade são fontes de auto afirmação tão importantes quanto o trabalho (...) e isto não só no que diz respeito à avaliação dos homens, como também em relação à autoimagem” (*Mais*, n. 66).

Reforçando os estereótipos correntes, Gikovate apela para a biologia para garantir que “o homem tem seu desejo sexual despertado pela estimulação visual; isto do ponto de vista biológico; sua atenção recai sobre uma mulher que desperte nele o interesse por ser bonita, atraente ou extravagante” (*Mais*, n. 68). Coitadas das mulheres que, em sua esmagadora maioria, não preenchem os requisitos daquilo que hoje se entende por beleza... Gikovate, perfeito porta-voz do falocratismo “científico”, reduz a sexualidade feminina a um reflexo do desejo masculino, declarando que a “mulher, apenas



no seu aspecto biológico, tem seu desejo sexual despertado ao se perceber desejada pelos homens” e que “o primeiro aspecto da sexualidade feminina é passivo” (*Mais*, n. 68). E apavora-se com a “crise de valores que atingiu um número significativo de pessoas no Ocidente”, acentuando que “a situação global me parece cada vez mais calamitosa” pois o modo tradicional de organização familiar” foi posto em xeque e “tudo foi destruído e desqualificado, como preconceito ou machismo” (*Mais*, n. 62). A culpa de quem é? Das mulheres, é claro. Principalmente das feministas, pois “o feminismo gerou determinados textos onde se percebia um terrível ódio contra os homens e inclusive uma tendência a propor como solução, em muitos casos, a homossexualidade feminina”. Pior ainda, esta atitude das mulheres “intimidou muito certos rapazes mais sensíveis” que acabaram também por optar pelo homossexualismo. E, como se não bastassem todos estes crimes: “a própria postura feminina diante do sexo, agora mais agressiva e cheia de iniciativas, pode ser outro importante fator de intimidação” (*Mais*, dezembro de 78). Em suma e resumo: bom mesmo eram os tempos de nossos avós.

### **Concluindo**

Frente à riqueza dos questionamentos e proposições do movimento de mulheres, em diversas partes do mundo, o conteúdo editorial das revistas ditas femininas continua extremamente medíocre. Pois reduz a leitora a uma consumidora deslumbrada com os últimos modismos em sua *Carta ao Anunciante* n. 117, a Editora Abril refere-se às mulheres que lêem *Cláudia* da seguinte maneira: “*Nossa leitora não sonha. Consome.*” ou, então, a uma aluna atenciosa e dócil diante do “saber científico”. E nada mais autoritário e impositivo do que estas “verdades”, jogadas do alto da cátedra de

personagens do estilo Gikovate e companhia. De resto, técnicas de manipulação do corpo; redução do prazer sexual a algumas fórmulas “infalíveis”; ênfase na importância do casamento e, principalmente, nas verdades estabelecidas.

Muito pouco a esperar, portanto, de tais revistas. Ainda mais que a nova moral sexual, baseada na igualdade entre os sexos, supõe uma revolução cultural que só pode ser concebida nos marcos da transformação radical da sociedade em que vivemos. E é este caráter subversivo do feminismo que assusta a todos aqueles que, por sua posição de classe ou de sexo, desfrutam dos privilégios das minorias dominantes.